



A COR DE MEDEIA: A PERVERSÃO EM CENA

Widigiane Pereira dos Santos Fernandes; Hermano de França Rodrigues.

UFPB – Universidade Federal da Paraíba. E-mail: widigiane.fernandes@gmail.com; hermanorg@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar pela psicanálise a obra Anjo Negro (1946), peça teatral da literatura dramática, escrita por Nelson Rodrigues. Essa releitura da peça/obra pela psicanálise expõe questões raciais, sexuais tão explícitos quanto sua essência dramática. Cada particularidade de seus personagens evidencia as pulsões reprimidas pela sociedade. O objetivo desse estudo foi identificar os contrastes entre os personagens em suas relações fragilizadas onde a psicanálise irá avaliar o incesto a partir desses vínculos familiares. Ao investigar os elementos-chaves da trama, constatamos, nas perspectivas individuais, o espaço psicológico, as ilusões dos personagens, uma sociedade fragmentada e hierarquizada do século XX. Os resultados avaliam essas reflexões com base no entendimento da psicanálise, penetrando no inconsciente desses indivíduos, tentando decifrar suas instabilidades e os motivos pelos quais transgridem o senso comum. Assim, é possível comprovar o efeito da obra, após 70 anos como uma literatura atual e submissa ao nosso tempo. Para a discussão do tema, serão adotados os conceitos de violência simbólica, etnia e as perversões.

Palavras-chaves: Perversão, Etnia, Literatura, Violência Simbólica.

INTRODUÇÃO

Falar da peça/obra de Nelson Rodrigues é acima de tudo entrar no estado psicológico de suas personagens, em seus conflitos nos ambientes sombrios do corpo e da alma. A ideia de sexualidade, presente na obra Anjo Negro, revela-se de forma visceral em um enredo cheio de idas e vindas, onde é possível, notar os elementos que a constituem e dão base a estes estágios psicológicos.

Cada personagem posiciona-se segundo um plano social, evidenciado pela marcação em suas falas. O enredo configura um ambiente hostil, que entra em contradição com a sua descrição, portanto, uma crítica à burguesia escondida entre as suas muralhas como se o mundo exterior fosse corromper este ambiente com suas vicissitudes e frivolidades cotidianas. É por meio dos elementos constitutivos de cada ato que podemos analisar as introspecções de cada diálogo.



Portanto, a literatura e a psicanálise evocam o entendimento desses seres humanos e os conflitos que os afligem, apoiando-se numa teoria e numa prática, tecendo dentro dessa subjetividade aspectos que definiram ou indefiniram cada sujeito. Freud (cf. 2014) define estes comportamentos, situando a questão ao psíquico:

Sob a influência do mundo externo que nos cerca, uma porção do *id* sofreu um desenvolvimento especial. Do que era originalmente uma camada cortical, equipada com órgãos para receber estímulos e com disposições para agir como um escudo protetor contra estímulos surgiu uma organização especial que, desde então, atua como intermediária entre o *id* e o mundo externo. A esta região de nossa mente demos o nome de *ego*.

Segundo Bellemin-Noel (1978, p.12) as palavras de todos os dias reunidas de certa maneira adquirem o poder de sugerir o imprevisível, o desconhecido; e os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente “eles não sabem”. O poema sabe mais que o poeta.

Retomando a ideia do autor em evidenciar estas mazelas humanas pela literatura dramática, nasce dentro da perspectiva da Tragédia, palavra que remete à ligação entre o teatro e os ritos populares religiosos de culto há Dionísio. A Tragédia, segundo Aristóteles se dividem em: unidade de tempo, unidade de espaço e unidade de ação. Entretanto, encontramos outros elementos de ligação como os conflitos, às reviravoltas e as catarses.

A prioridade do enredo sobre as personagens é tripartida, temos o vilão em Ismael, a inocência roubada de Virgínia e a perseguida, caracterizada pela prima surda e virgem, no lugar do cômico, têm a sátira que coloca em evidencia o melodrama.

Para está reflexão, vejamos uma definição do melodrama exposta pelo mesmo Hauser:

[...] O melodrama é tudo menos uma arte espontânea e ingênua; segue, pelo contrário, os princípios formais, intelectualmente requintados, da tragédia, adquiridos no decorrer de uma evolução longa e consistente, ainda que os reflita num estilo que se tornou rude, sem as sutilezas psicológicas e as poéticas belezas da forma clássica. No plano puramente formal, o melodrama é o gênero mais convencional, esquemático e artificial que se pode imaginar – (...). Tem uma estrutura estritamente tríplice, um antagonismo forte como situação inicial, uma colisão violenta, e um desenlace em que a virtude triunfa e é punido o vício; numa



palavra, um enredo que facilmente se compreende e é economicamente desenvolvido, com a prioridade do enredo sobre os personagens bem definidos: o herói, a inocência perseguida, o vilão e o cômico; com a cega e cruel fatalidade dos acontecimentos; (...). (1980: 855-6).

As questões étnicas são marcantes desenvolvendo racionalização nos ideias e nas frustrações, resignando assim, ora aceitar os infortúnios, ora querer diluí-los em pequenas porcentagens dentro da ressignificação da linguagem. Os termos utilizados (*preto, negro, branca*) corroboram no desenvolvimento da narrativa, formando uma análise literária e psicanalítica desses elementos.

ANJO PRETO VESUS BRANCO

A diversidade humana nem sempre teve papel de destaque ou foco, no século XVIII a cor determinava o convívio social, sendo um separatista na sociedade, após esse determinante já podíamos utilizar de critérios físicos como um determinante, sendo assim uma tentativa de aperfeiçoar essa avaliação. Já no século XX temos então, as convenções da Genética Humana determinando às variações sanguíneas, conseqüentemente, a variabilidade de raça. Segundo (Cardoso, 2000):

Racismo e ignorância caminham sempre de mãos dadas. Os estereótipos e as ideias pré-concebidas vicejam se está ausente a informação, se falta o diálogo aberto, arejado, transparente.

Não há preconceito racial que resista à luz do conhecimento e do estudo objetivo. Neste, como em tantos outros assuntos, o saber é o melhor remédio. Não era por acaso que o nazi-fascismo queimava livros.

Neste contexto de raças está o personagem Ismael, negro e de forma pejorativa chamado de *Negro*, pela esposa que caracteriza o desdém de uma sociedade pelas pessoas de cor. Ele mesmo não se aceita e reprime todos que interferem com a ‘marca’ da cor na trama.

Sendo médico, caracteriza-se como uma pessoa rica a ponto de não precisar trabalhar. Essa não aceitação de Ismael pela sua condição de origem interfere diretamente no convívio familiar.

Dentro desse universo as questões raciais e sociais ficam firmadas nas falas dos personagens:



Elias: Preto, não?

Negro 3: Mas de muita competência! (para os outros) Minto?

Negro 1: Não tem como ele!

Negro 2: Doutor de mão cheia!

ELIAS: Maldito seja o negro!

O texto está longe de resolver sozinho o longo e demorado processo de transformação de nossas estruturas mentais herdadas do mito de democracia racial e, conseqüentemente, dos mecanismos racistas que, consciente ou inconscientemente, marcaram a nossa própria educação e formação. Estas construções denotam a inconstância da sociedade e sua dinâmica. A defesa do branqueamento, ou do “embranquecimento”, tinha como ponto de partida o fato de que, dada a realidade do processo de miscigenação na história brasileira, os descendentes de negros passariam a ficar progressivamente mais brancos a cada nova prole gerada. Defendendo essa supremacia racial, Nelson Rodrigues personaliza essa teoria em Virgínia, dando forma, corpo e voz em uníssono com outras vozes femininas, que vociferam desejos reprimidos e violados, tanto pela sociedade, quanto por seus familiares.

A mulher idealizada no século XX, ainda não era a que constitui o alicerce familiar, ainda estava voltada para o objetivo maior, que seria, de cuidar da casa, da educação dos filhos, dando a esse lar estrutura e base para o desenvolvimento harmonioso desses laços afetivos. Segundo Hall (2006, p. 09):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas o final do século XX.

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Virgínia ainda está inserida neste universo doméstico, caótico, pois, suas aspirações, além desse ambiente, não são permitidas pelo domínio executado pelo marido e a castração que o mesmo a impõe. Não há, portanto, transformações nesse convívio e as estruturas familiares são isentas de afetividade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A grande questão para Virgínia e que dá vasam a seus delírios está relacionada à cor/raça de Ismael e dos filhos que nasceram dessa união. Eis na fala de Virgínia:

Ismael: O caixão já vai sair. Você não chora? Não tem uma lágrima?

Virgínia: Não consigo. Quero, mas não consigo.

Ismael: Porque ele é preto. Preto. [...]

Portanto, a literatura viabiliza esclarecer questões que estão à margem da sociedade, dando visibilidade as mazelas humanas. Nesse sentido Freud discursa a respeito dos enlaces formados pela literatura e a psicanálise:

Da exploração dos sonhos fomos levados primeiro à análise das criações poéticas; em seguida, dos poetas e artistas [...], os mais fascinantes problemas de todos aqueles que prestam às aplicações da psicanálise. (Freud, CPL, III-112)

A MORADA DO MAL

Para começar, onde aplicar a psicanálise nas pulsões dessas figuras fictícias, que retratam muitas vezes a realidade desses grupos sociais. As aplicações dependem do contrassenso, onde vai depender da investigação abordada, portanto, a avaliação desses comportamentos está relacionada à Perversão, que no dicionário Houaiss se caracteriza como: termo que designa desvios do comportamento e das práticas sexuais normais ou assim consideradas.

Todavia, a palavra *Perversão* não teve origem na psicanálise, e sim, na sexologia. Entretanto, as perversões sexuais, conforme (FERRAZ, 2010, p. 22) adentram o vocabulário da psiquiatria como anomalias ou aberrações da conduta sexual.

Os discursos de Ismael norteiam em vários momentos as perturbações psíquicas de um homem dominador.

A questão dessa apropriação de Ismael como gênero dominante sobre Virgínia está diretamente relacionada ao fato, de sua aquisição como esposa de forma violenta dada pelo estupro, esse fato acontece com consentimento da tia que se revela tão perverso quanto os fatos analisados na obra.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Pensar em normalidade em uma família, onde as relações estão dilaceradas por atitudes contraditórias, normal seria um estigma para cada ato desses atores/autores de seus próprios atos. De acordo (Ferraz, 2010, p. 26):

A normalidade implica, ainda, a capacidade de excitação e orgasmo no ato sexual e a possibilidade de um relacionamento terno e amoroso, em que a gratificação emocional seja reassegurada pelo encontro sexual, da qual resulte uma conquista de liberdade psicológica.

Os complexos encontrados na narrativa correspondem às transgressões analisadas pela psicanálise, portanto, cada personagem faz referência a essas características mitológicas. Na questão que concerne às pulsões, devemos estabelecer que, o casal da trama esta em conflito com os sentimentos que dão a está relação de amor e ódio as coordenadas de convivência.

A dualidade nesta relação culmina na liberação de sentimentos reprimidos pela esposa que até o clímax não sublima a relação com esse outro, que ela despreza. Todavia, os interlocutores também se utilizam dessa perversidade se valendo da violência simbólica, levando em consideração que esse simbolismo designa desvios de comportamento e das práticas sexuais que esses indivíduos praticam.

Portanto, o princípio da realidade versada em Laplanche (1988, p. 10) discursa:

"É somente a falta persistente da satisfação esperada, a decepção, que provoca o abandono da tentativa de satisfação pela alucinação. No seu lugar, o aparelho psíquico teve que se decidir a se representar o estado real do mundo exterior e a buscar uma modificação real. Assim, um novo princípio da atividade psíquica foi introduzido: O que era representado não era mais o que era agradável, mas o que era real, mesmo se isto devia ser desagradável."

Finalmente, o ambiente é um confinador psicológico e repressor, onde, a casa tem a própria história e interage com os moradores, criando vida e dando um ar sombrio e desolado a vida daqueles que habitam. Neste percurso, as relações se estreitam com suas denominações, *pai, mãe, filho e parentes* que não se encaixam nas convenções normativas.

OS COMPLEXOS E AS SUPERAÇÕES



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Durante o decorrer do velório não encontramos em Virgínia, demonstrações de sofrimento, de culpabilidade, apenas uma satisfação. Apesar de cometer o infanticídio, em nenhum momento ela se declara em sua frustração como mulher e mãe. Porém, seus conflitos com o marido a levam a cometer esses delitos, assim como adultério.

Assim, como Medeia na obra mítica, Virgínia também executa seus filhos, porém, diferentemente da mulher clássica, esses assassinatos acontecerão devido a repulsa da mãe em relação à cor e por serem filhos concebidos pela força, já que um dos elementos estáticos do ambiente é a cama, lugar este onde ela foi estuprada. Segundo (Bourdieu, 2002, p. 12):

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige - o desejo masculino como o desejo de pose, como dominação erotizada [...]

Retomando a ideia dos conflitos familiares encontraremos um Ismael obcecado, desejando o objeto/corpo que tornasse violento diante da rejeição, suas pulsões sexuais interferem diretamente nos atos de Virgínia, ficando clara essa “obsessão”, “dependência” que se dá de forma doentia por esse ser que nega essa satisfação ao o outro, tornando o desejo como peça fundamental de um jogo, que o marido não se dá por vencido.

O gozo que ambos comungam está associado à degeneração, onde Freud (1905, p. 152), diz:

Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos. Ainda assim, em muitas dessas perversões a qualidade do novo alvo sexual é de tal ordem que requer uma apreciação especial.

No trecho deste diálogo, constatamos a perversão, mas essa consciência psicótica não extenua a perversidade:

Virgínia: Um dia, você a levou. Ana Maria tinha um ano, dois anos, seis meses, não sei, não sei... Você a levou e eu pensei que fosse para afoga- lá no poço; e até para enterrá-la viva no jardim. (com espanto maior) Só não pensei que você fosse fazer o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que fez...Uma criança, uma inocente – e você pingou ácido nos olhos dela - ácido!

Freud analisa esses comportamentos através do filtro dos níveis da personalidade, neste caso, os indivíduos estão apenas com a constituição do ID, local que concentra a energia psíquica, onde se localiza as pulsões de vida e de morte. As características atribuídas ao sistema inconsciente. É regido pelo princípio do prazer (Psique que visa apenas o prazer do indivíduo).

Manifestando esta característica podemos concluir que ambos desenvolveram as mesmas limitações inconscientes, sem com isso se preocupar com os interditos, já que a educação parental se apresenta falha.

O ego recuará com assombro das instigações à crueldade e à violência não tendo qualquer ideia de que, nelas, está combatendo desejos eróticos, inclusive, alguns em relação aos quais não teria aberto exceção alguma (FREUD, 1926/1976, p.139).

Estes arranjos familiares, inclusive a formação sexual estão destituídas de qualquer convenção ética e moral. Ismael rejeita a sua mãe devido à cor; Virgínia desconhece o aconchego da maternidade, pois, fica órfã, sendo criada pela tia, morando também com três primas, descritas como virgens. Essa alegoria manifesta a história da Cinderela de forma macabra, já que esta figura de parentesco denominada “Tia”, convoca o Doutor Ismael a estupra-la. Infelizmente, essa manifestação desumana e preocupante que se desenvolve no plano social tem um final trágico.

Para elucidar esta falha moral Sontag (1987, p. 3) expõe: (...) existe uma “sociedade pornográfica”: que, na verdade, a nossa sociedade constitui um florescente exemplo dela, tão hipócrita e repressivamente construída que *precisa* produzir uma efusão de pornografia, tanto com sua expressão lógica quanto com seu subversivo e vulgar antídoto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra Anjo Negro, deixa reflexões sobre a dinâmica das sociedades, e o que há dentro dos muros de cada universo familiar e abre possibilidades para os diversos campos além da psicanálise.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O enredo não trata apenas da perversão, mas, de todas as contribuições para que esse ser humano tenha seu equilíbrio emocional afetado. Portanto, esse meio onde esse indivíduo está inserido propiciou as suas pulsões.

A contribuição desta escrita nos retira do conforto mental de um mundo idealizado e nos transporta a condição de expectadores da vida alheia que está ao lado.

Todavia, nem sempre o indivíduo que se apresenta propenso à perversão terá um quadro patológico, entretanto, existem os casos que definiram o essas pessoas dentro de um limite da normalidade. Porém, existem pessoas cujas práticas sexuais são adversas, mas, sem comprometimento mental. Isto vai depender das manifestações como transitórias em suas vidas ou não.

O convívio pode determinar essas perversões através do microscópio, onde essas lentes, não mostram esses sentimentos inconscientes dando maior nitidez a partir, das frustrações do cotidiano. Uma linha de raciocínio pode nos revelar um recalque, que se apresenta como o indício da neurose, iniciada nas violências sofridas pelas mulheres. Conseqüentemente, quando citamos violência, também suscitamos a questão da fragilidade do outro, entretanto, ao que concerne aos gêneros, tanto homens, como mulheres estão suscetíveis a essas degradações da alma.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.

FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos**. Vol. XX. São Paulo: Imago, 2014.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio Sobre A Teoria da Sexualidade**. Vol. VII. Nova York: Journal of Nerv. and Ment. Dis. Publ. Co., 1910.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão**. 5ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. Tomo II; trad.: Walter H. Geenen. São Paulo: Mestre Jou, 1980/1982.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Laplanche, J. (1988). **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

SONTAG, Susan. “**A imaginação pornográfica**”. In: *A vontade radical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br